



O saber assentado dos vazanteiros do sertão seco e do sertão molhado no norte de Minas Gerais

The settled knowledge of the traditional populations of the dry and wet wilderness in the north of Minas Gerais

GUIMARÃES, Thaynara Thaissa Dias¹;

¹ Engenheira Agrônoma, Mestre e Doutora em Extensão Rural, Centro de Excelência Contra a Fome do Programa Mundial de Alimentos, thaynara.dias@wfp.org

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

Resumo: Este artigo buscou compreender a relação que se estabelece entre o rio, a pesca e a identidade da população remanescente quilombola vazanteira, habitante do sertão molhado norte mineiro, por meio de uma metodologia qualitativa, com a triangulação de métodos: referência bibliográfica, pesquisa documental e idas a campo. A partir dos modos de vida e cosmovisão da população vazanteira, foi possível observar que a cultura, às crenças e às tradições são compartilhados, transmitidos e herdados ao longo das gerações, aspectos que auxiliam na construção e na manutenção da identidade dos grupos sociais.

Palavras-chave: tradição; saber-fazer; identidade; território.

Introdução

O sertão ou semiárido mineiro está localizado na parte norte do estado de Minas Gerais e articula os biomas Caatinga e Cerrado, lugar de clima quente, chuvas concentradas e torrenciais e uma extensa variedade de fauna e flora. A associação entre estes dois biomas gera a ocorrência de inúmeros microclimas e tipos de florestas diferentes em curtas distâncias e dentro de uma mesma região semiárida. Estas características climáticas, somadas a diversidade de povos e etnias que ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX habitaram a região, – indígenas, negros de diferentes países africanos, brancos europeus, ciganos e árabes – possibilitou que povos e populações com modos de vida adaptados às condições ambientais se estabelecessem nesta região: barranqueiros, vazanteiros, geraizeiros, caatingueiros, ribeirinhos, veredeiros, dentre outros, comumente identificados como sertanejos.

É neste lugar que vivem os sertanejos que se auto reconhecem e são reconhecidos como população tradicional de vazanteiros. Podem ser também identificados como lameiros (PIERSON, 1972), varzeiras e/ou barranqueiras (DIEGUES, 2000), que vivem em ilhas e barrancas do rio São Francisco e nas margens de outros rios norte-mineiros. Habitam a parte do sertão mineiro delimitada por Brandão (2012) como sertão molhado, cujos modos de vida estão relacionados à presença de longos cursos de rios. É a partir do modo de vida e da cosmovisão dos sertanejos vazanteiros, levando-se em conta seus valores, crenças, percepções e interações, que este artigo buscou objetivamente compreender a relação que se estabelece entre o rio, a pesca e a identidade do sertanejo vazanteiro. Ressalta-se que, na



agroecologia, a valorização e recriação dos conhecimentos e técnicas acumuladas pelos povos e comunidades tradicionais em suas correntes ancestrais é a força vital da existência humana. Vitalidade que se projeta “na produção e reprodução da vida (...), relações com os bens naturais e os bens culturais, considerando, ainda, o contexto das disputas econômicas, conflitos políticos e lutas sociais do seu tempo” (PERCASSI; BONASSA; GUILHERME, 2021, p.291).

Metodologia

Para se desenvolver este artigo, lancei mão de uma metodologia qualitativa, com a triangulação de métodos: referência bibliográfica, pesquisa documental e idas a campo. As visitas a campo, desenvolvidas durante a minha pesquisa para a tese de doutorado em Extensão Rural, foram realizadas durante o ano de 2019 e 2020 e impedidas de continuarem ocorrendo em virtude da pandemia ocasionada pelo COVID-19. Nessas condições, foram realizadas 02 visitas nas comunidades vazanteiras Quilombo da Lapinha e Quilombo Pau de Léguas, no município de Matias Cardoso/MG, a primeira com duração de 4 dias e a segunda com duração de 7 dias. No total 17 pessoas participaram desta pesquisa, alocadas em 6 núcleos familiares. Do total, 12 mulheres entre 80 e 22 anos e 5 homens de 24 a 68 anos. Durante as visitas de campo, foram realizadas observações, conversas e entrevistas livres, todas as falas e fotografias apresentadas neste artigo foram previamente autorizadas pelos participantes.

Resultados e Discussão

A comunidade vazanteira Quilombo da Lapinha é composta pelos grupos locais de Vergem da Manga, Lapinha, Saco e Ilha da Ressaca, estão situados ao longo do rio São Francisco no município de Matias Cardoso e foram certificados pela Fundação Palmares como comunidade remanescente de quilombo em 2005. Este quilombo de vazanteiros, possui registros de ocupação das matas desde o início do século XIX e por meio de relações de casamento entre chegantes que vinham das regiões do Grotuba e rio Verde Grande se estabeleceram e ampliaram a ocupação do território. A comunidade está localizada na zona rural, o acesso é por estrada de terra pelo município de Matias Cardoso, a população estimada da comunidade é de cerca de 380 pessoas em 88 famílias nucleares que residem na comunidade (LELIS, 2020).

A Ilha de Pau de Léguas está localizada à margem esquerda do médio rio São Francisco, e pertence ao município de Manga. Estima-se que a comunidade possua atualmente 60 grupos familiares. A principal forma de acesso a comunidade se dá por meio de barco ou canoa atravessando o rio São Francisco (NIISA, 2018). A vida dessas comunidades vazanteiras ao longo dos anos foi desenvolvida em torno das ilhas, margens de rio e cidades ribeirinhas, o cotidiano de cada um desses espaços é ditado conforme os ciclos do rio. Possuem o rio São Francisco como centralidade da vida cotidiana e, por isso, possuem uma característica singular, a transumância (COSTA, 2006), isto é, a mobilidade constante entre dois espaços: durante o



período das secas a população se estabelece nas ilhas e vazantes; no período das cheias, nas margens não inundáveis do curso da água. O manejo da terra e a mobilidade se relaciona ao ciclo natural do rio: seca, enchente, cheia e vazante. Esse ciclo possibilita o depósito de matéria orgânica ou, aquilo que denominam de “lameiro”, em longas extensões na beira dos rios e nas suas ilhas, uma terra fértil para plantio. Desse modo, a vida dos vazanteiros ocorre em três unidades de paisagem por eles manejadas: o complexo terra-firme, complexo ilha e o complexo rio (ARAÚJO, 2009).

As vazantes são separadas entre si pelos altos, terrenos mais arenosos e secos, quando o ano é de boa chuva se colhe uma boa produção. Na terra alta está localizada a casa, os quintais (hortas, frutas e plantas medicinais), criação de galinhas, suínos, fabriqueta de farinha, roça de mandioca, feijão catador, amendoim e andu. Na baixa estão a roça de cana, feijão, feijão catador, milho e amendoim. Na vazante e no lameiro, estão feijão de arranque, milho, abóbora, melancia e feijão andu. O trabalho por eles organizado transformam os complexos em roças da seca, das águas e quintais produtivos, o período de cada um desses processos de produção está de acordo com a dinâmica do rio, que impõe os locais de habitação e plantio.

Essa mobilidade entre os complexos terra firme e ilha é necessária porque as ilhas não são estáveis e conforme as cheias do rio, novas áreas de plantio surgem no território. Nas cheias mais antigas, o rio invadia as casas das ilhas e obrigava os vazanteiros a cada ano, estabelecerem uma nova casa e uma nova área de produção.

É através das enchentes que são depositados novos nutrientes ao solo, o que permite o bom desenvolvimento da lavoura. O vazanteiro acompanha o rio e seu movimento para então identificar os locais para introduzir os plantios. O rio também é dividido em dois tipos: o “riozinho” e o rio grande. O riozinho são braços do rio São Francisco que se estabelecem pelas áreas das matas em níveis mais baixos quando a cheia ainda não chega, é o rio que se atravessa quando se vai do complexo terra firme até o complexo ilha, é muito utilizado para o lazer das famílias, para buscar água, tomar banhos, levar animais e lavar roupas ou vasilhas. O rio grande se refere efetivamente ao rio São Francisco, este já fica mais distante do complexo terra firme e dá formação a ilha.

O Rio é vivo, emana vontade, determina acontecimentos e tem personalidade: “esse rio é engraçado! O povo fala que esse rio não tem vida... mas tem, tem!” (JOAQUIM, VAZANTEIRO, 58 ANOS, PESQUISA DE CAMPO, 2019). Habitado por mães d’água, caboclos d’água, compadre d’água e guardiões de ouro. Para se pescar é preciso pedir licença aos encantados, para se ter peixe é preciso agradá-los. Aprender a pescar requer inúmeros saberes, da fabricação do barco, das redes, das varas de pesca, das fases da lua, da reprodução dos peixes, da leitura das cores e cheiros do rio, das festas e ritos de agradecimento e exaltação.



No rio não se entra a qualquer hora e em qualquer parte, não se faz barulho, nem se jogam pedras, não se brinca com o caboclo d'água se ele primeiro não manifestar que quer brincar, não se pesca sem a mãe d'água autorizar. Na mata e no rio tudo é vivo e tem alma, tem espírito e manifesta sua presença. Para a mata e para o rio, agentes vivos, não importa quem neles adentram, se é homem ou mulher, importa o respeito e a relação já estabelecida entre estes. A pesca se dá de madrugada e a maioria das mulheres são as responsáveis por tecer as redes, pilotar os barcos, limpar e preparar os peixes. Os homens pescam. Mas, não raro foram relatados casos no qual as mulheres “levam mais jeito” para chamar os peixes e pescam.

Não se trata de um talento maior para a pesca e, sim, da melhor relação estabelecida entre o rio e suas entidades com a mulher e o homem. A relação entre a mãe d'água e as mulheres é também uma relação afetiva de reconhecimento da condição de maternidade entre ambas. Em casos de morte por afogamento de crianças e adolescentes no rio, cujos corpos não são encontrados, é comum a mãe d'água aparecer em sonhos para apaziguar as mães dizendo a elas que seus filhos “se encantaram” e estão por ela acompanhados e protegidos. Esta mesma relação de companheirismo é relatada entre os homens e os caboclos d'água, que protegem seus barcos e afastam barcos de inimigos ou inimizades durante o trabalho da pesca.

A pesca exige muita atenção e cuidado. O processo de aprendizagem se inicia com as crianças mais velhas, entre 10 e 12 anos, e pode se dar por meio, primeiro, da fabricação das ferramentas. Tecem a própria rede de pesca e a levam para testar nas beiras dos riosinhos, ou ao acompanhar as mães para algum trabalho no rio, pescam piabas e desenvolvem intimidade com o material e, então, passam a acompanhar os pais na pesca. A atividade normalmente se dá à noite, com a lua alta para iluminar o rio, mas também pode ocorrer durante o dia, a depender da estação do ano e da duração dos dias e não ocorre nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, chamado de piracema, época para a reprodução dos peixes. Existem várias maneiras de se realizar a pesca, as formas mais relatadas foram: terreina, currico, tratador, pesca com tarrafas e a pesca por rede. Cada uma dessas formas de pesca é utilizada conforme o período do ano e o peixe que se pretende pescar.

A pesca é realizada em áreas profundas do rio onde o peixe pode se esconder, quando há presença de muita areia a profundidade do rio se altera e impede que os peixes se aglomerem nas áreas profundas propícias para a pesca. Há localizações mais ou menos definidas onde cada pescador exerce seu trabalho, áreas que são protegidas pelos caboclos d'água e caso alguém que não seja do local ouse realizar a pesca por ali, o caboclo d'água reage e cria maretas no rio capazes de derrubar o pescador. Para que isso não ocorra o pescador deve tentar agradar o caboclo e se retirar o mais rápido possível da área. O rio possui seu próprio modo de vida, assim como os encantados que nele vivem, da mesma maneira que os vazanteiros possuem os seus próprios. Nesse contexto, vazanteiros e encantados se enxergam culturalmente iguais, mas se veem de modos distintos porque a diferença entre os



seus corpos assim determina. Para nós, não vazanteiros, a natureza é uma só e aproxima humanos e animais; o que nos diferencia dos animais é a cultura. Para eles, a cultura é uma só e o que afasta humanos e encantados são seus corpos, suas naturezas diversas. O rio não é meramente um curso de água corrente, é o elo entre o saber-fazer e a identidade dos pescadores e pescadoras e dá sentido à vida cotidiana.

Ao questionar as pessoas sobre o que rio significa para elas ou qual a relação que possuem com o rio, somado às observações de campo, percebi que o curso do rio é a representação do curso da vida das populações vazanteiras: “Ah, o rio é nossa vida né?! Sem ele nós seríamos o que?”; O rio significa tudo né? Ele é vida! É nosso sustento, nossa forma de vida” (OLÍVIO, VAZANTEIRO, 68 ANOS, PESQUISA DE CAMPO, 2019). Um povo que, tradicionalmente, acompanha o curso do rio para traçar o curso da sua história e definir os seus sistemas produtivos. A cada cheia e a cada baixar das águas se fecha o ciclo do curso da vida das pessoas. A vida dos vazanteiros se encanta no rio, para o rio e pelo rio, e estão tão emaranhados que “se esse rio acabar, a gente acaba junto! Não sobra um pra contar história” (MARIANA, VAZANTEIRA, 32 ANOS, PESQUISA DE CAMPO, 2019).

Esta relação estabelecida entre o rio e seus encantados com os pescadores e pescadoras pode ser compreendida a partir do perspectivismo multinaturalista de Viveiros de Castro (2007), isto é, as premissas ontológicas que validam a realidade vivida pelos vazanteiros demonstram que os humanos e outros seres vivos compartilham a mesma cultura, no sentido de serem todos sujeitos em potencial. Esta perspectiva está nas afirmações que determinam que o rio tem vida, tem vontade própria e com ele são estabelecidas relações de trocas. Costa (2006) ao estudar as interações socioambientais dos vazanteiros afirma que na visão de mundo dos vazanteiros existem mitos que compõem a natureza e a sociedade, seres mitológicos

ou “encantados” que possuem lugar social de vivência e de relações com os humanos e são fundamentais para a validação e atualização do sistema de representações que se manifesta como ponto de referência imprescindível ao desenvolvimento das atividades cotidianas. Neste contexto, observa-se que a prática social agroecológica se expressa e se constitui cotidianamente na memória, tradições e identidade dos vazanteiros e vazanteiras do sertão molhado norte mineiro. O curso do rio dita o curso da vida, da natureza e do trabalho na produção camponesa e na reprodução da vida, nunca isolada das demais esferas (GUHUR; SILVA, 2021).

Conclusões

O cotidiano das comunidades vazanteiras é produzido pela interação de cada um dos complexos aqui apresentados. Neste universo as populações tradicionais forjam a sua técnica, conhecimento e tecem a identidade do sertanejo vazanteiro do sertão molhado norte mineiro. Tornam-se sujeitos da cultura e neste mundo sentem-se em casa, isto é, a relação entre humano e não-humano, objetos e outros sujeitos, é



constantemente recriada em um processo de não separação entre a consciência e o ambiente habitado. Conceitos, ideias, abstrações resultam necessariamente do conhecimento que somente é possível por meio das relações estabelecidas entre organismos e seres que habitam o mesmo mundo.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do quilombo da Lapinha e dos vazanteiros do Pau de Légua**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). 2009. 295p. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sertão, Minha Casa. In: COSTA, J. B. A.; OLIVEIRA, C. L. de (Orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, 2012.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. O nativo relativo. **Revista Mana**, v. 8, n.1, p.113-148, 2002.

COSTA, João Batista. Populações tradicionais do sertão norte mineiro e as interfaces socioambientais vividas. **Revista Cerrados**, v. 4, n.1, 2006.

DIEGUES, Carlos. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia Regina da. Agroecologia. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Alexandre Pessoa Dias et al (Orgs.) São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

LELIS, Amanda Silva. **Mulher Vazanteira: vidas, histórias e imagens em comunidades tradicionais do Médio São Francisco mineiro**. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Meio Ambiente e Território). 2020. 135p. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, 2020.

NÚCLIO INTERDISCIPLINAR DE INVESTIGAÇÃO SOCIOAMBIENTAL – NIISA. **Relatório Socioambiental da Comunidade Tradicional Vazanteira de Pau de Légua Manga/Matias Cardoso/MG**. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2013.

PERCASSI, Jade; BONASSA, Juliana; GUILHERME, Sylviane. Cultura e agroecologia. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Alexandre Pessoa Dias et al (Orgs.) São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

PIERSON, Donald. **O homem no vale do São Francisco**. Rio de Janeiro: Ministério do Interior, Superintendência do Vale do São Francisco, 1972.